

# Manual da língua brasileira para luzófonos

Cao Bittencourt



# 1 Introdução

## 2 Alfabeto

Comecemos pelo mais básico, o alfabeto:

Tabela 1: Alfabeto português-brasileiro

Aa	Bb	Cc	Dd	Ee	Ff	Gg
Á	Bê	Cê	Dê	Ê	Efe	GeV
Hh	Ii	Jj	Kk	Ll	Mm	Nn
Agá	I	Jota	Cá	Ele	Eme	Ene
Oo	Pp	Qq	Rr	Ss	Tt	Uu
Ô	Pê	Quê	Erre	Esse	Tê	U
Vv	Ww	Xx	Yy	Zz		
Vê	Dábliu	Xis	Ípsilon	Zê		

Conforme as tabelas, o novo alfabeto brasileiro (à esquerda) tem vinte e quatro letras, enquanto o antigo alfabeto português-brasileiro (à direita) tem vinte e seis. As letras removidas foram o “k” e o “q”, porque

são redundantes. De fato, a primeira delas já era até na antiguidade clássica criticada pelos gramáticos romanos, que achavam-na desnecessária. A letra “q”, por sua vez, foi uma invenção desses mesmos gramáticos para diferenciar o som do “u” vogal e do “u” semivogal (cf. as palavras *qui* [kwi] e *cui* [ku'i]). Esse mecanismo linguístico, no entanto, é evidentemente rudimentar – como outras de suas invenções (e.g. os algarismos romanos) –, pois não permite distinguir entre vogais e semivogais nas palavras sem “q”, que são muito frequentes em nossa língua. Além disso, na maioria das palavras brasileiras *com* “q” o “u” não é nem sequer semivogal, mas mudo e inexistente (a exemplo do próprio “quê” [ke] utilizado nesta mesma frase, que [ki] vem do “qui” latino). Assim sendo, removemos do alfabeto aquela [a'kəla] letra, desprezada pelos romanos, e, ironicamente, também essa, que inventaram.

Não há novas letras no alfabeto, porém muitas das que permaneceram passam a ter novas funções; e, mais importante, uma única função para cada. A letra “c”, por exemplo, para continuar a discussão acima, tem agora sempre o som de “k”, nunca de “s”; na verdade, foi até renomeada para “Cá” [ka], a fim de deixar isso mais claro. Pelo mesmo motivo, o “Cê-cedilha”, “ç”,

é substituído por “s”. E, com isso, acaba-se a milenar confusão entre as consoantes oclusiva velar surda [k] e a fricativa alveolar surda [s], que herdamos do latim.

Analogamente, a letra “g” é renomeada para “Gá” [ga] e conserva apenas uma de suas funções anteriores. Com efeito, o nome português, “Gê” [ʒe], já [ʒa] ilustrava, por si só, sua ambiguidade fonética; e em palavras como “garagem” [ga'raʒẽj], ainda, verificava-se o mesmo “g” com duas pronúncias completamente diferentes. Agora esse problema foi resolvido; e o novo nome representa isso muito bem, porquanto, embora o antigo “Gê” fosse ambíguo, todos concordam que “g” seguido de “a” pronuncia-se com a consoante oclusiva velar sonora [g], e não com um “j” de francês.

Seguindo a ordem alfabética, o “Agá” deixa de ser uma letra mal utilizada, essencialmente inútil, e assume o som fricativo glotal surdo [h], ou “Erre” gutural, como é nos demais idiomas da Europa (e.g. nas palavras *home*, *heim* e *hjem*, ou seja, “lar” em inglês, alemão e norueguês, respectivamente). Isso significa que todas as palavras que começavam com “r” ou tinham dois “r” (e.g. “rato” e “torra”) passam a ser escritas com “h”; e, consequentemente, o “r” é reservado para o tepe alveolar (o som do “r” em “arara”).

Por fim, removem-se todos os “h” mudos; e, como nas outras letras, renomeia-se o “Agá” para “Erre” ['ɛhi] e o “Erre” para “Eri” ['ɛri], sinalizando as novas funções.

Ao contrário das supracitadas línguas germânicas, entretanto, o “j” conserva a pronúncia que recebemos dos franceses, não sendo utilizado para o som de “i” semivogal (como vimos em *hjem*, acima).

Esse som, cujo fonema denota-se por [j], pertence ao “y”, que, de maneira análoga ao “h”, antes subutilizado, torna-se uma letra muito importante, uma vez que o brasileiro é um idioma repleto de semivogais.

Portanto, a indicação das semivogais não é nem negligenciada, como vinha sendo desde o Acordo Ortográfico de 1990, tampouco se dá pelo contexto ou o antiquado “Trema”. Em contraposição, a nova língua brasileira designa letras específicas para esse fim, a saber, o “y”, chamado “Quasi-i”, e o “w”, ou “Quasi-u”.

Não é necessário mais letras do que essas, porque apenas o “i” e o “u” são semivogais, enquanto o “a”, o “e” e o “o” são sempre vogais (i.e. elas “quebram” a sílaba e não aglutinam-se em ditongos e tritongos).

As semivogais, no entanto, também podem substituir (aparentes) consoantes. É o que verificamos no “l” pós-vocálico, que no português brasileiro tem o som

do “u” semivogal [w], e não o do “l” propriamente dito, isto é, a aproximante lateral alveolar [l], como no alemão *hilfe* ['hɪlfə], ou no português europeu, “fiel” [fi'el], com “l” pronunciado (cf. no brasileiro, [fi'ew], onde não tem som consonantal).

E idem com “n” e “m” pós-vocálicos, que dão lugar a “y” e “w” acentuados com o acento nasal, devendo-se à característica distintiva da nossa língua de que vogais seguidas de “n” e “m” (com uma consoante depois) produzem um som semivocálico residual, não capturado por essas consoantes, mas sim pelas semivogais nasalizadas (“ŷ”, “ŵ”), conforme ilustrado em [êj]

[exemplos]

Praticamente todos os outros idiomas escritos com o alfabeto latino, porém, não possuem essa “semivogal residual”, então é correto utilizarem o “n” e o “m” pós-vocálicos (e.g. [exemplos]). Mas, como o nosso objetivo é que o *brasileiro* seja consistente, devemos substituí-los por semivogais nasalizadas.

Finalmente, as duas últimas letras, “x” e “z” representam, cada, um único fonema e não mais se confundem entre si nem com “s” e “c”. Especificamente, o “x” deixa de ter som de [ks], [s], [z] e mantém-se apenas como fricativa pós-alveolar surda [ʃ], o mesmo que

o antigo “ch”. Já o [z] é grafado por “z”, inclusive nas palavras com “s” intervocálico (e.g. “casa”); e não há mais “z” no final de nenhuma palavra. Desse modo, todas as letras no alfabeto têm sua própria função.

### 3 Vogais

Como aludido acima, as vogais na língua brasileira são “a”, “e”, “i”, “o”, “u”; e as semivogais, “y” e “w” (“Quasi-i” e “Quasi-u”). As vogais formam hiatos se adjacentes, mas as semivogais aglutanam-se. Assim, nos encontros vocálicos

“(em pt-br) palavra com vogal + w” [IPA],  
“(em pt-br) palavra com y + vogal” [IPA],  
“(em pt-br) palavra com y + vogal + w” [IPA],  
“(em pt-br) palavra com w + vogal + w” [IPA],

as semivogais e as vogais são uma única sílaba; já nos hiatos

“(em pt-br) exemplo de hiato” [IPA],  
“(em pt-br) exemplo de hiato” [IPA],

“(em pt-br) exemplo de hiato” [IPA],  
cada vogal é pronunciada separadamente.  
Ademais, porque visamos a consistência fonética  
(i.e. que se escreva como se diz), convém distinguir  
não só entre vogais e semivogais, mas ainda entre as  
agudas, graves e nasais.  
Denotá-las explicitamente exigiria ou uma letra  
para cada som (como é no Alfabeto Fonético Internacional) ou algum sistema de acentuação. A  
primeira opção não seria nem um pouco prática, e  
a segunda também pode tornar-se trabalhosa se não  
implementada direito.

### 3.1 Acentos

Em particular, para evitar excessivos acentos, optase por não explicitar graficamente quando o fonema é oposto ao padrão<sup>1</sup> (viz. o mais frequente), reservando os diacríticos sobretudo para indicar tonicidade, não a altura.

---

<sup>1</sup>Geralmente, são agudas as letras “a”, “i”, “u”, “y” e “w”; e graves o “e” e “o”.

Certamente, trata-se de uma decisão bastante lamentável, considerando o objetivo desta reforma. No entanto, é o único caminho factível, por estas razões.

Em primeiro lugar, nas palavras paroxítonas, que são as mais comuns, há uma tendência a abrir as vogais fechadas (viz. o “e” e o “o”), mas o padrão não é claro o suficiente para estabelecerem-se regras de acentuação. Comparem-se, por exemplo, as palavras

“mesa”	[meza]	e	[m̥eta]	“meta”;
“mesma”	[mesma]	e	[mescla]	“mescla”;
“colha”	[kol̥a]	e	[kɔla]	“cola”;
“corra”	[koha]	e	[kɔhi]	“corre”;
“beleza”	[be'leza]	e	[b̥ela]	“bela”;
“gosto”	[gostu]	e	[gɔstu]	“gosto”;
“posto”	[postu]	e	[pɔstu]	“posto”.

Existem inúmeras paroxítonas como essas e, entretanto, nenhuma regra infalível para distingui-las. Se houvesse, talvez seria tão simples quanto diferenciar

“ôca” [oka] e ['ɔka] “oca”,

bastando uma ser acentuada, e a outra não.

Mas, infelizmente, o português é mais complexo; e tão complexo é, inclusive, que conta com múltiplas variantes regionais (cf. as vogais abertas nos sotaques do nordeste e as fechadas no sudeste), um outro motivo para evitarmos indicar altura com acentos, porquanto fazê-lo fragmentaria ainda mais o idioma.

É (quase) unânime, porém, no Brasil, pronunciar-se grave o “a” seguido de “n” ou “m”, principalmente quando tônico (cf. “ano” [‘enu] e anotação [anota’sẽw]), com relativamente poucas exceções. Se fôssemos explicitar todo “a” grave, portanto, teríamos de acentuar tantas palavras que tornaria-se enfadonho.

De fato, devido à função dual dos diacríticos em português, o acento grave indicando a altura do “a” poderia ser interpretado como indicando tonicidade; e, para desambiguar, seriam necessários mais acentos ainda. Um ótimo exemplo é a palavra “mamãe”: porque é oxítona<sup>2</sup> leva acento grave (porque o “a” tônico é grave); mas o primeiro “a” também é grave, mas não é tônico. Assim, precisaríamos: ou de um acento duplo-grave, como nas línguas croata e eslovena; ou deixaríamos como está (i.e. sem qualquer indicação);

---

<sup>2</sup>Ver regras de acentuação adiante.

ou convencionaríamos que o “a” antes de “m” é sempre grave (ou uma regra equivalente). Ora, mas eis que a palavra “mamão” tem exatamente a mesma estrutura, e o primeiro “a” é agudo: então, a última solução não serve. E, obviamente, a primeira não é prática. Resta deixarmos como está. E o mesmo verifica-se em: [exemplos]. Há outros exemplos, mas isso ilustra o ponto o suficiente.

Um quarto motivo refere-se ao plural metafônico, fenômeno tão comum em português de o singular e o plural terem pronúncias distintas (e.g. “olho” [] e “olhos” [], “novo” [] e “novos” [], e assim por diante). Por si só, a metafonia não é o bastante para remover os diacríticos de altura, pois poderiam-se convençcionar regras de pronúncia (e.g. “são agudos os plurais das paroxítonas”), conquanto até essas regras teriam exceções; por exemplo, “restolhos” (cf. “olhos”, acima), ou “seu” e “seus”, onde não há metafonia. Porém, somado aos demais fatores, essa parece ser uma boa razão para reservar os acentos a outras funções.

Além disso, um sistema como este que aqui pretendemos, apesar de sua fidedignidade fonética, inevitavelmente acaba por produzir mais palavras homógrafas; e, por consequência, não acentuar sempre que a

pronúncia difere do padrão torna-se até conveniente para distinguir o que, de outro modo, seria idêntico. Como exemplo, comparem-se “olho”, de novo, e “óleo” []: logo percebe-se que, se quisermos que escrevam-se como nós, brasileiros, as pronunciamos, e não como a grafia lusitana sugere (literalmente, []), não teríamos como diferenciá-las senão pelo acento agudo. E idem para [exemplos], etc.

Por fim, deve-se considerar a praticidade desta reforma ortográfica nos tempos atuais. Pois, embora continue-se a escrever bastante em papel e caneta, se comparado ao passado, hoje é mais importante a facilidade da escrita no teclado de um computador; e o que é rápido à mão livre pode não sê-lo para digitar.

As línguas eslavas mencionadas acima são um caso extremo disso. Nelas, estima-se que digitar demore em torno de 25% a mais ([citar]), devido à grande quantidade de diacríticos tanto em vogais quanto em consonantes (cf. “Vou malhar hoje”<sup>3</sup> e o polonês, *Zamierzam dzisiaj poćwiczyć*). No português brasileiro fonético, que-

---

<sup>3</sup>A versão portuguesa dessa frase tem apenas uma letra a menos, e a quantidade de caracteres a digitar até seria igual, não fosse o “hr”, cuja *raison d'être* é linda (vide o Capítulo 4).

remos evitar esse problema. Por isso, convém reduzir os acentos sempre que não prejudicar o entendimento.

### **3.1.1 Os novos diacríticos da língua brasileira**

Feitas essas ressalvas, os acentos ainda conservam a função (às vezes, secundária) de sinalizar pronúncias alternativas (aguda, grave ou nasal). E suas outras funções, já introduzidas, são: indicar a sílaba tônica se não for autoevidente e diferenciar palavras idênticas<sup>4</sup>.

Para entender as pronúncias alternativas das vogais e semivogais brasileiras, convém definirmos, primeiro, os acentos que as indicam:

---

<sup>4</sup>As homógrafas de que falamos, bem como as homófonas, também comuns. Sendo muito simples a função de diferenciar palavras de mesmo som, opta-se por não explicá-la em detalhes, para não interromper o fluxo deste texto. Porém, a título de exemplo, compare-se o verbo “há” e o artigo ou a preposição “a”. Fica claro, aqui, que tendo removido o “h” mudo (vide o Capítulo 2), o acento é o único meio de distingui-las.

Tabela 2: Acentos da língua brasileira

Acento	Nome	Exemplo
'	Acento agudo	dsds
`	Acento grave	dsds
~	Acento nasal	Princípio
^	Acento nasal forte	Príncipe
..	Acento duplo (crase)	Àquela

As funções dos acentos na Tabela 2 são variadas. Mas, de maneira geral, servem para: 1) explicitar quando a pronúncia não é a padrão; 2) indicar a sílaba tônica quando não for autoevidente; 3) diferenciar palavras homófonas<sup>5</sup>.

A primeira dessas funções é realizada por todos os acentos, exceto a crase. Assim, então, quando o acento é agudo, a pronúncia é aguda, mesmo que a pronúncia

---

<sup>5</sup>Sendo muito simples a função de diferenciar palavras de mesmo som, opta-se por não explicá-la em detalhes, para não interromper o fluxo deste texto. Porém, a título de exemplo, compare-se o verbo “há” (agora escrito “á”) e o artigo ou a preposição “a”. Fica claro, aqui, que o acento é o único meio de diferenciar essas homófonas.

padrão da vogal em questão seja grave; e inversamente se o acento for grave.

O acento nasal também serve para indicar uma pronúncia alternativa. Entretanto, nisso difere bastante do que era antes. Na língua brasileira, o acento “~”, não mais chamado “Til”, faz com que a vogal seja pronunciada como seria se fosse seguida de “n” ou “m”, porém de uma maneira inteiramente vocálica, “torcendo” o som com o nariz, sem a obstrução física que caracteriza os consoantes. Isto é, não trata-se de uma vogal “tendendo” ao “n” ou “m”, como é no espanhol ou no italiano, por exemplo, mas daquele som nasal *não consonantal*, que é marca do português brasileiro (e.g. [exemplo] [ipa]).

Acrescenta-se, ainda, que uma vogal nasalizada pode ser tanto aguda quanto grave (cf. *adelante* em espanhol e “adiante” em português). Em teoria, isso requereria acentos mais específicos, mas, convenientemente, a pronúncia aguda ou grave nas vogais nasalizadas é consistente na língua brasileira: o “a” nasal é sempre grave, enquanto o “i”, o “y”, o “u” e o “w” nasais é sempre aguda.

Já o “e” e o “o” nunca são nasalizados diretamente, porque o som que produziriam, de acordo com a nova

definição do acento nasal, não ocorre no português brasileiro. Dito isso, se eram seguidos de “n” ou “m”, passam a acompanhar “ŷ” e “ŵ” (de novo, por causa da semivogal residual implícita nesses dígrafos).

Por fim, sendo evidente que as vogais “a”, “e” e “o”, seguidas de semivogal nasalizada são sempre graves (e.g. os dígrafos “ão”, “em” e “om” em português), convenciona-se, para diminuir a quantidade de acentos, que nelas o “`” não se faz necessário.

### 3.1.2 Tonicidade e acentuação

Tendo entendido isso, passamos para a segunda função dos acentos, qual seja, a indicação da sílaba tônica. Aqui, não difere-se muito do português tradicional.

Temos na língua brasileira apenas palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, cujas sílabas tónicas são, respectivamente, a última, a penúltima e a antepenúltima.

Dentre essas as mais frequentes são as paroxítonas. E, assim sendo, convenciona-se, *ceteris paribus*, que toda palavra de mais de uma sílaba seja paroxítona e não necessita de acento.

Já as proparoxítonas são, de longe, as mais raras

e, por esse motivo, permanecem sempre acentuadas.

As oxítonas, por sua vez, são relativamente comuns, mas nem sempre requerem acento; isso porque há alguns padrões confiáveis em nossa língua, que nos permitem identificá-las.

Desse modo, se não indicado explicitamente, são oxítonas (e não acentuadas) todas as palavras terminadas em: “hr”, “e”, “o”, “y”, “w”, “oŷ”, “oŵ” (e, igualmente, os plurais, acrescidos de “s” no final).

O último tópico no âmbito da tonicidade refere-se à “hierarquia” dos acentos, que é o método com que se identifica a sílaba tônica em palavras que têm múltiplos diacríticos.

Mais uma vez, a regra é bem simples: o acento nasal forte é a sílaba tônica sempre que aparecer em uma palavra; depois, o acento mais forte é o agudo; e, depois, o grave. O acento nasal (fraco), embora possa coincidir com a penúltima sílaba em paroxítonas, não é, por si só, tônico. E, analogamente, a crase é um diacrítico átono, pois somente consiste na junção de um “a” preposição com um “a” artigo<sup>6</sup>, e não modifica

---

<sup>6</sup>Motivo pelo qual é grafada com o “acento duplo”, podendo também ser substituída por dois “a”, por conveniência.

nem a pronúncia nem a tonicidade do “a” que acentua.

### 3.2 Resumo dos fonemas vocálicos

Agora que explicamos a pronúncia de todas as vogais e semivogais brasileiras, podemos resumir-as citando alguns exemplos:

[não precisa de 1 exemplo por fonema vocálico]

- “palavra com a [IPA],
- “palavra com á [IPA],
- “palavra com à [IPA],
- “palavra com ã [IPA],
- “palavra com â [IPA],
- “palavra com ä [IPA],
- “palavra com e [IPA],
- “palavra com é [IPA],
- “palavra com è [IPA],
- “palavra com i [IPA],
- “palavra com í [IPA],
- “palavra com ï [IPA],
- “palavra com î [IPA],
- “palavra com o [IPA],
- “palavra com ó [IPA],

“palavra com ò [IPA],  
“palavra com u [IPA],  
“palavra com ú [IPA],  
“palavra com ù [IPA],  
“palavra com ê [IPA],  
“palavra com y [IPA],  
“palavra com ÿ [IPA],  
“palavra com w [IPA],  
“palavra com ÿw [IPA].

E esses são todos os sons vocálicos no português brasileiro fonético.

## 4 Dígrafos

Enfim, após a apresentação das vogais, só resta tratar brevemente dos dígrafos consonantais<sup>7</sup>:

---

<sup>7</sup>Novamente, os antigos dígrafos vocálicos (viz. vogal seguida de “n” ou “m”), foram substituídos por vogais nasalizadas, ou vogais seguidas de “y” ou “ÿ”, quando resultam em semivogal residual, como explicado no capítulo anterior.

Tabela 3: Dígrafos

Antiga Grafia	Nova Grafia	IPA	Exemplo
ss	s	[s]	
sc	s	[s]	
sç	s	[s]	
xs	s	[s]	
xc	s	[s]	
qu	cw	[kw]	qualidade
qu	c	[k]	queijo
gu	gw	[gw]	aguenta
gu	g	[g]	guerra
lh	lly	[?]	
nh	ŷ, ī, ī <sup>1</sup>	[j̄]	
ch	x	[ʃ]	
rr	h	[h]	
r pós-vocálico <sup>2</sup>	hr	[ɾ], [ɿ], [ɿ̄] <sup>3</sup>	restaurador
di	dji	[dʒi]	

Continued on next page

Tabela 3: Dígrafos (Continued)

Antiga Grafia	Nova Grafia	IPA	Exemplo
ti	txi	[tʃi]	
li	lli, lly <sup>1</sup>	[?i]	

<sup>1</sup> Dependendo se o “i” for semivogal ou não.

<sup>2</sup> Isto é, o “r” seguido de vogal e consoante.

A tabela acima compara os dígrafos no português com sua nova grafia na língua brasileira. Cita-se um exemplo de cada, junto à transcrição para o Alfabeto Fonético Internacional. Comentemo-los abaixo.

Primeiramente, os dígrafos “ss”, “sc”, “sç”, “xs”, “xc”, referentes à consoante fricativa alveolar surda, deixam de sê-lo e são substituídos diretamente por “s”.

Os dígrafos da “consoante” aproximante labiovelar [w], antes ambíguos (cf. na tabela, “aguenta” e “guerra”), sendo ora pronunciados, ora mudos, agora não são mais utilizados. No português brasileiro fonético, não há vogais mudas; e todas as semivogais são explícitas. Portanto, esses dígrafos não têm mais sentido: se o “u” era mudo, é removido; e, se era semivogal, passa a ser “Quasi-u”.

Quanto aos dígrafos da aproximante palatal [j], destaca-se, como já reconhecido pelos fonólogos (e.g. [citar]), que a língua brasileira não dispõe de um som aproximante lateral palatal [ʎ] propriamente dito. E idem para a consoante nasal palatal [ɲ], isto é, o “nh” no português europeu, o “gn” em francês e italiano e o “ñ” espanhol (cf. “montanha”, *montagne*, *montagna*, *montaña*). A diferença é sutil, mas notável.

No Brasil, a nossa pronúncia é muito mais vocálica: aqui, o que temos, no lugar dessas consoantes, são a aproximante lateral alveolo-palatal [ʎ̪] e a aproximante nasal palatal [j̪], respectivamente. Em outras palavras, o que em Portugal pronuncia-se com consoante, nós pronunciamos com semivogal.

Assim, por exemplo, o que causa o “estalo” na palavra “senha” ['se̯a] (cf. ['sepr̪] no português europeu) é que o “a” se diz logo após a semivogal nasalizada [j̪]: ou seja, o “estalo” é residual. E, da mesma maneira, na palavra “batalha” [ba'taʎ̪a] (cf. [be'taʎ̪e] no português europeu), há claramente um “Quasi-i” residual.

A grafia adotada para esse último fonema no português brasileiro fonético é “lly”, sendo semelhante às línguas espanhola e francesa, que escrevem a aproximante lateral palatal com o dígrafo “ll” (e.g. [exem-

plo], [exemplo]).

As razões para essa escolha são duas: 1) como já dito na seção do alfabeto, a letra “h” passou a ter o som do “Erre” gutural (i.e. a fricativa glotal surda) e, portanto, agora substituindo o “r” no início de palavras e os dois “r” intervocálicos, não pode mais ser (mal) utilizada como um “dígrafo coringa”<sup>8</sup>; 2) porém, mais importantemente, o “lly” é, de fato, uma perfeita representação do fonema [lj], como explicaremos.

Para entender por que se escolheu o “lly” para grafar o [lj], convém contrastarmos os sotaques nordestinos com os demais do Brasil.

Tomemos, então, a frase “Minha filha, hoje é dia de ligar para tua tia.”, que contém quase todas as divergências desse dialeto; e comparemos sua notação fonética com a da maior parte dos sotaques brasileiros:

[m̄iã 'fil̄ja, 'ɔʒi ε 'dia di li'gah 'para 'tua 'tia.];  
[m̄iã 'fil̄ja, 'ɔʒi ε 'dʒia dʒi l̄j'i'gah 'para 'tua 'tʃia.].

Aqui, fica claro que no sotaque nordestino, a pronúncia do “l” é consistente e o fonema [lj] só é

---

<sup>8</sup>Igualmente para o “nh” e “ch” (vide acima e o Capítulo 2).

utilizado para o “lh”. Entretanto, é evidente também que, no resto do Brasil, o “lh” tem, na verdade, o mesmo som do “li” (cf. “filha” [f'il̪ja] e “família” [fa'mil̪ja], e compare-se ainda com o italiano, *famiglia* [fa'miʎa], onde até escreve-se explicitamente a aproximante lateral palatal com o dígrafo “gl”).

Os nordestinos, por assim dizer, recitam o silabário corretamente, enquanto os demais trocam o “li” por “lhi”, dizendo: “la” [la], “le” [le], “lhi” [ʎi], “lo” [lo], “lu” [lu]. E o mesmo vale para o “di” e o “ti” (pronunciados “dji” [dʒi] e “txi” [tʃi] pela grande maioria dos brasileiros). Com isso, é certo que o “l”, o “d” e o “t”, seguidos de “i” ou “y” devem ser novos dígrafos, exceto na variante nordestina da língua brasileira.

Mas, afinal, em que isso nos ajuda com o “lh”? Ora, eis que o dialeto do nordeste tem, precisamente, a chave para escrevermos o [ʎ] sem “lh”. A fim de pronunciar esse fonema, basta fazer como se fosse falar um “li” “de baiano” e interrompê-lo bem no meio com mais um “li”: o som resultante é exatamente o “lhi”, incluindo a semivogal [j] residual; porquanto, não é mera convenção que dois “l” e um “i” formam um “lh”.

[ainda na discussão sobre sotaques, “hr”, o símbolo

da união nacional]  
[explicar novos dígrafos]

## 5 Exemplos

[comparação de contagem de caracteres para digitar]  
[comparação de contagem de tempo para digitar]  
[pseudo-conclusão]

Concluímos esse manual com alguns exemplos.

## **6 Resumo**

## **7 Referências**